

## Expectativas frustradas por gravidez indesejada

Sexta, 30 Outubro 2015 00:00



JULIETA Albino, 28 anos, teve o primeiro filho aos 19 anos, fruto de uma gravidez não planificada. Meses depois viu-se forçada a viver com o pai do bebé. A relação durou apenas dois anos.

Motivo: violência física e psicológica e maus-tratos protagonizados pelo seu marido. Entretanto a estória da Julieta é de muitas outras meninas com gravidezes indesejadas e que nas mesmas circunstâncias vêem o futuro comprometido.

Órfã de mãe e pai desconhecido, esta jovem mulher abandonou a escola na 5.<sup>a</sup> classe quando a mãe perdeu a vida e teve que se mudar de Albasine, cidade de Maputo, para Macaneta, província com o mesmo nome.

“Quando a minha mãe morreu passei a viver em casa de familiares na Macaneta. Ainda era nova e não conheço o meu pai. Infelizmente não tive ninguém que me ajudasse a cuidar da minha transferência e assim fiquei sem estudar”, revelou Julieta.

Na Macaneta Julieta conhece o pai do filho, que a prometia uma vida melhor. Nos primeiros contactos sexuais engravidou e não teve escolha senão passar a viver em casa do marido.

“Não tinha informação certa sobre a planificação da gravidez. Experimentei e deu num filho. Fui ao lar mas não fui bem sucedida e tive que abandonar porque chegou uma altura que o pai do meu filho batia em mim, maltratava-me e não deixava nada para eu cozinhar”, lamentou a jovem.

Para sustentar o filho Julieta passou a trabalhar como empregada doméstica até que encontrou um outro homem com quem vive hoje e tem um filho.

“Deixei de trabalhar como empregada doméstica. Actualmente vendo frutas, entre as quais laranjas, bananas e mangas. Com os rendimentos ajudo nas despesas de casa. Sonho em ter um emprego que me permita voltar à escola”, frisou, aconselhando as outras raparigas para que apostem na educação escolar e que enquanto não tiverem informações precisas sobre a prevenção da gravidez evitem manter relações sexuais.

Como Julieta são muitas as meninas que engravidam e vão ao lar sem que tenham planificado. Dados oficiais indicam que são poucas as moçambicanas que usam os contraceptivos modernos para evitar uma gravidez indesejada. Em 2011, por exemplo, em cada 100 adolescentes e jovens dos 15 aos 19 anos apenas oito utilizavam métodos contraceptivos modernos. Como resultado, cerca de 38 por cento de adolescente dos 15 aos 19 anos, isto é, entre 100 raparigas entrevistadas na altura, 38 já eram mães ou estavam grávidas em 2011, segundo o Índice Demográfico de Saúde.

Para se reflectir sobre este problema e outros assuntos ligados à vida da rapariga a Associação Moçambicana para o Apoio e Desenvolvimento da Criança Órfã (Reencontro), em parceria com a organização não-governamental VSO, organizou recentemente um debate no bairro 3 de Fevereiro, no Distrito Municipal Ka Mavota, na cidade de Maputo.

“Os casamentos prematuros e a gravidez indesejada e precoce são um mal para as raparigas, porque física e psicologicamente não estão preparadas para a concepção de um filho. Algumas abandonam a escola. Então, juntamente com as meninas estamos a fazer a análise do que está a acontecer e como virar esta página”, sublinhou Olinda Mugabe, directora executiva da Reencontro, referindo-se ainda a situações de meninas que são vítimas de outros tipos de violência, quer sexual, quer física e psicológica, em resultado do casamento prematuro.

A problemática dos casamentos prematuros e gravidezes precoces vêm juntando diversas forças como o Governo, a sociedade civil e os religiosos com vista à eliminação da prática no nosso país. As estatísticas indicam que Moçambique se situa entre os 10 países com maiores taxas de casamentos prematuros no mundo.



### **A VERGONHA DE USAR OS CONTRACEPTIVOS**

Algumas das participantes ao encontro de reflexão sobre a gravidez e o casamento prematuros apontam a vergonha, o medo que algumas raparigas têm de ir à unidade sanitária para se informar e/ou aderir ao uso de contraceptivos como sendo um dos motivos que concorrem para a gravidez indesejada.

“Tememos a família, a sociedade no geral. Nas comunidades quando as pessoas ficam a saber que a menina toma a pílula, usa o DIU (Dispositivo Intra Uterino) ou outro método, não é bem vista porque pensam que tendo essa protecção da gravidez ela vai se envolver com muitos homens, o que não constitui a verdade”, queixou-se Beatriz Jorge, 23 anos, que aponta também como alguns factores que contribuem para as gravidezes indesejadas os namoriscos e a curiosidade de experimentar o acto sexual.

O receio de ser mal visto na sociedade quando se adopta algum método contraceptivo ainda adolescente é confirmado por Joalina Jaime, mãe de sete filhos, seis dos quais do sexo feminino. As duas mais velhas, de 19 e 21 anos, já têm filhos de três e um ano, respectivamente. Ambas estão no lar.

“Tento falar com as minhas filhas sobre a sexualidade, mas nunca as levei à unidade sanitária para planificar a gravidez. Planifica a gravidez quem já está no lar. Se eu levar a elas ao hospital para usarem contraceptivos a sociedade vai me condenar, alegando que estou a incentivá-las para o acto sexual. Infelizmente é assim como se pensa”, admitiu Joalina.

Contudo, segundo as autoridades da Saúde, os contraceptivos podem ser usados por todas as pessoas em idade fértil. Para tal os utentes devem dirigir-se à unidade sanitária mais próxima para se aconselhar junto dos profissionais da Saúde qualificados para o efeito para melhores resultados.



### **QUIS FILHO PARA CIMENTAR A RELAÇÃO**

Aos 19 anos, Luísa Otília é mãe pela segunda vez. O primeiro teve aos 17 anos como forma de firmar a sua relação com o namorado de 21 anos.

Os dois estudavam na mesma escola e frequentavam a 8.<sup>a</sup> classe quando decidiram ter um filho depois de o jovem fazer o pedido de casamento na casa dos pais da menina, onde ela vivia com a avó e tios. A mãe da rapariga trabalha na África do Sul.

“Depois que o meu marido se apresentou na minha família fiquei grávida e passei a viver em casa da minha sogra. Quisemos ter o filho. Abandonei a escola para cuidar das crianças e o meu marido também porque precisa de trabalhar para alimentar os filhos”, contou a jovem, que acredita que voltará a estudar no próximo ano.

Na casa da mãe do marido Luísa ajuda nas tarefas de casa e tem uma banca, em que vende roupa usada, vulgo “xikalמידade”, para contribuir para as despesas domésticas.

Luísa diz que não se arrepende da decisão que tomou, pois acredita que com a ajuda do marido juntos voltarão à escola e terão um futuro brilhante.

### **FAÇA NEGÓCIO PARA ALIMENTAR OS MEUS FILHOS**

Mãe de três filhos, Georgina Elisa, 26 anos, vive na casa da mãe. Sem formação porque abandonou a escola quando estava na 8.<sup>a</sup> classe após engravidar do primeiro filho aos 16 anos, a jovem dedica-se à venda de diversos produtos para alimentar os seus filhos, cujos pais não ajudam nas despesas.

“Infelizmente quando tive o primeiro filho não sabia quase nada sobre os contraceptivos. Os nossos pais não falam connosco sobre a sexualidade e acabamos caindo em erros quando tentamos experimentar”, disse Georgina, lamentando o facto de já ter três filhos a viver em casa da mãe.

“Tentei viver com o pai do meu primeiro filho mas não deu certo e voltei para a casa da minha mãe. Hoje sei o quanto teria sido diferente se tivesse permanecido na escola para onde penso regressar logo que possível. Sei que não será fácil porque já passam cerca de dez anos que não vou à escola”, disse.



### **VALEU A COMPREENSÃO DOS MEUS**

Ser mãe ainda nova não tem sido tarefa fácil para muitas meninas, como testemunha Maria Castigo, 24 anos, que diz que conseguiu sobreviver durante a gravidez graças à compreensão e ajuda dos irmãos mais velhos.

“Já tinha ouvido falar dos contraceptivos e os tinha por perto mas não fazia o uso e como resultado engravidei sem que estivesse nos meus planos”, recordou a jovem mulher, mãe de um filho de cerca de dois anos.

A viver em casa dos pais, Maria conta que teve que abandonar a escola na 10.<sup>a</sup> classe para cuidar da criança mas pensa regressar próximo ano para concretizar o seu sonho de ser médica.

“O pai do meu filho é ausente. A mãe dele e os meus irmãos é que ajudam a sustentar a criança. Aprendi dos meus erros e já estou a cuidar-me para evitar uma segunda gravidez indesejada”.

EVELINA MUCHANGA

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/45550-expectativas-frustradas-por-gravidez-indesejada>